

FASCÍNIO AMERICANO

Os Estados Unidos vão vencendo folgadoamente as olimpíadas do Rio. A punição do comitê olímpico aos atletas russos e o desempenho relativamente fraco da China facilitaram grandemente a vitória larga dos americanos. Uma vitória brilhante, reconhecida com simpatia mas sem os aplausos calorosos de outros tempos.

A primeira metade do século XX foi marcada pelo fascínio norteamericano: sobre o mundo todo, sobre a América do Sul e o Brasil. Eu vivi bem este sentimento e ainda o tenho gravado na memória: a veneração pela pátria da liberdade, simbolizada pela grande estátua no porto de New York, como também pelas grandes figuras libertárias dos presidentes Roosevelt e Wilson -- este o principal idealizador da Liga das Nações para cuidar da paz no mundo, após a participação vitoriosa na primeira grande guerra; e aquele o admirável líder do “new deal” e da vitória da democracia sobre o nazi-fascismo na segunda guerra.

Este ideal de liberdade era confirmado pela imagem de informalidade, de modernidade, de naturalidade do comportamento do cidadão americano, homem e mulher, em contraste com a rigidez da disciplina européia que marcava a educação das elites até então. A liberdade nos gestos, nas vestimentas e na conversação dos americanos passava uma idéia de franqueza, de juventude, de abertura à verdade e anti-hipocrisia.

O ideal de modernidade se mostrava até na música e nos movimentos da dança, no fox-trot, no swing, no sapatedo, na leveza mágica de Fred Astaire; no jazz, nas bandas famosas, de Glenn Miller, de Tommy Dorsey, de Benny Goodman e Harry James, como nos grandes filmes de Hollywood, “E o vento levou”..., inesquecível.

Na engenharia americana também, a grandeza dos feitos pareciam frutos da liberdade: na construção do canal do Panamá, depois do fiasco francês, nas grandes pontes de San Francisco e de Brooklin; nos aviões da Pan American, os clippers, nos arranha-céus nunca antes tão elevados, o Empire State Building.

A associação de idéias produzia a certeza de que a liberdade era a grande criadora, na música, no cinema, na engenharia. Era efetivamente, o Novo Mundo, que a sinfonia de Dvorjac cantava tão emocionantemente.

Na segunda metade do século, entretanto, este fascínio irresistível começou a se liquefazer. Mantém-se ainda em setores da classe média sulamericana, e mesmo européia, longe, todavia, daquela força irresistível de atração que exerceu até o fim dos anos quarenta.

Duas razões, me parece, atuaram nesta retração: a primeira foi o surgimento de um outro fascínio competidor, irradiado da Rússia Soviética, ligado ao prestígio crescente desta nova potência que se construiu em três décadas e derrotou a formidável máquina de guerra nazista, e à sua mensagem que era nova, que ia além da liberdade e exaltava os outros dois ideais do grande trinômio: a igualdade e a fraternidade, era a mensagem do socialismo.

CORREIO SATURNINO

Artigo nº 401/2016

A segunda foi a denúncia crescente de que, por trás da apregoada liberdade, estavam os interesses cada vez mais ávidos e evidentes do grande business de mil e uma faces, concentrado na potência norteamericana. A evidência se foi escancarando nos apoios políticos a países que, embora praticando regimes sufocadores de todas as liberdades, mantinham-se abertos e receptivos aos interesses do grande business.

A realidade se foi revelando cada vez mais nitidamente com as sucessivas intervenções golpistas para derrubar governos que, de uma forma ou de outra, buscavam afirmar seus interesses nacionais frente aos interesses dominantes do business. A deposição de Mossadeg que tinha nacionalizado o petróleo do Irã e a entrega do poder a um Xá americanófilo foi chocante. Mas a América Latina (Sul, Centro e Caribe) foi o palco mais freqüente dessas intervenções imperialistas, e a única experiência de êxito na resistência ao grande capital -- Cuba, sofreu mais de 50 anos de um rígido bloqueio econômico arrasador de sua economia.

A história, muito resumidamente, é esta, e a desconfiança sobre as virtudes da liberdade americana arrefecem os aplausos brasileiros às suas vitórias olímpicas. Agrava este arrefecimento a zombaria mentirosa dos nadadores que encheram a cara, vandalizaram um posto de gasolina e inventaram um assalto. Surpreendentemente, surge, na própria sede do grande business, uma voz lúcida e humanística, verdadeiro eco daquela mensagem idealística e libertária dos primeiros anos mil e novecentos: a de Bernie Sanders, um senador de um Estado pequeno que foi candidato à Presidência, foi derrotado mas continuou clamando: chega de derrubar democracias na América Latina, denunciando, explicitamente, o golpe sobre o Brasil nos dias de hoje. Teve grande apoio da juventude e pode ser que suas posições gerem novas lideranças.

Tomara.

Roberto Saturnino Braga

rsaturninobraga@gmail.com

www.saturninobraga.com.br